

Constituinte: o zôo

OTTO LARA RESENDE

*"Não sabendo se vimos do que vimos ou
se para o que vimos é que vamos."*
Geir Campos

O convívio com alguns futuros próceres da UDN nutriu a prática oposicionista com que partimos para o jornal mineiro "Liberdade", primeiro clandestino, depois diário de combate contra a ditadura e a favor da eleição do Brigadeiro. Nos anos finais da guerra e do Estado Novo, a hostilidade ao regime era quase ostensiva. A OAB tinha-se rebelado. Adauto Lúcio Cardoso aparecia em Belo Horizonte e telefonava cedíssimo. Acompanhá-vamos de perto a ação de Luis Camilo de Oliveira Neto, de Sobral Pinto, de Dário de Almeida Magalhães. Virgílio Alvim de Melo Franco estimulava pessoalmente a nossa prosápia de resistentes. Aliás, nunca entendi por que Virgílio não se candidatou à Constituinte. O Ariel de 1930 mantinha-se à distância e, derrotada a UDN, não embarcou na canoa da coalizão partidária. Preferia ficar na oposição. A morte o colheu logo depois, trágica, em 1948. Na madrugada de 29 de outubro, exatamente três anos depois da deposição de Getúlio. A fatalidade gosta das coincidências. Afonso Arinos só chegaria à Câmara depois da eleição de Milton Campos para o governo de Minas, já sob a Constituição de 1946.

O meio jornalístico e intelectual jogava na oposição. Reunidos em São Paulo no I Congresso Nacional, os escritores enfrentamos riscos e temores. Foi um momento de fulguração democrática. Mário de Andrade, presentíssimo, mas não participante no Congresso, era um exemplo vivo de devotamento à boa causa. Absorvidos pelo contingente, nenhum de nós os vintanistas que o cercávamos, percebeu que ele, apenas cinquentão, já estava assinalado pela indesejada das gentes. Em Belo Horizonte, a conversa com Milton Campos era cada vez mais suavemente política. Misturavam-se as reminiscências da ínelita geração com o desejo ardente de abrir o caminho democrático. O Manifesto Mineiro tinha sido um divisor de águas. Afascado da Universidade, só advogado, Pedro Aleixo era a encarnação do homem público. Se me perguntarem hoje, por que, como Virgílio, também não se candidatou à Constituinte, não sei dizer. O dr. Pedro tinha sido o último presidente da Câmara dos Deputados, fechada pelo golpe de Estado em 1937. O raio haveria de lhe cair duas vezes na cabeça, já que veio a ser vítima de outro golpe, em 1968, quando formalmente estava no poder.

Depois de sufocar nostalgias mineiras e ambíguas perplexidades, impregnado de literatura, mas mergulhado no jornalismo, ali estava eu para acompanhar hora a hora, minuto a minuto, a Constituinte. Sabia-me um privilegiado. Edgar da Mata-Machado avalizou, generoso, a minha competência profissional. Trabalhávamos juntos em dois jornais — um matutino, o "Diário de Notícias", e um vespertino, O GLOBO. Acumulei ainda a reportagem das "Folhas", hoje "Folha de São Paulo", cuja sucursal era no mesmo prédio do Liceu de Artes e Ofícios, vizinha da antiga redação do GLOBO. Nabantino Ramos, diretor da "Folha", queria me levar para São Paulo. Mas não estava ainda na hora de intelectual mineiro ir para São Paulo. No Rio, enquanto circulou, escrevi também para a revista "Sete Dias", pela mão de Ricardo Marinho. E substituí no destaque de "O Estado de São Paulo", meu amigo Mário Pedrosa, que foi à Europa por uns dias. Excusez du peu. Segundo o jargão dos comunistas, Mário pertencia à canalha trotskista, apartada até do convívio pessoal pelo famigerado artigo 13 dos estatutos do Partido. Mas a sedução de Mário, vanguardeiro em tudo, também em arte, resistir quem há-de? Lá ia eu sempre à redação da "Vanguarda Socialista", que já tinha o seu Lara, o paulista Darle Lara.

Instalada a Constituinte, Melo Viana foi eleito seu presidente. Tendo atravessado na sombra o Estado Novo, era um nome que vinha da República Velha, anterior a 1930. Um

legítimo carcomido. Fechado nos meus 20 anos, eu o supunha morto. Pensei que era um equívoco meu, ou uma assombração dele, quando um dia o vi tomando o trem na estação de Belo Horizonte. Virgílio de Melo Franco achava graça na minha juvenil desinformação e me pedia para contar essa história nas rodas do Jockey, ou do Palace Hotel. Pois lá estava o defunto vivíssimo — e Presidente da Assembléia Nacional Constituinte, encarregada de nos partejar o futuro. Um animal pré-histórico. Na flor da idade, tudo nos parece antiquíssimo, como diria Murilo Mendes. Tudo é velhíssimo. Ainda outro dia, comentávamos, Paulo Mendes Campos e eu, que em 1945 estávamos só 40 anos distantes de 1905. Ou seja: o mesmo lapso de tempo que vem de 1945 até hoje. Para nossa rasa e estouvada juventude, 1905 era uma data que tinha os mesmos contornos de 1823, de 1789, quicá de 1500, por que não? Em 1905, Machado de Assis estava vivo. E Ruy. E Nabuco. E não tinham acontecido as duas guerras mundiais. Nem a Revolução Russa, etc. etc.

Imaginem os olhos gulosos com que eu via o jardim zoológico da Constituinte. Pois era um zôo, com numerosas escavações arqueológicas. Havia animais de todas as espécies e de todos os portes. De todas as famílias, porque no Brasil política em boa parte é família. E há famílias que são verdadeira diátese — e diátese recessiva, com direito a recidiva. Os espécimes constituintes cobriam praticamente toda a classificação de Lineu, se Lineu tivesse classificado os animais políticos do Brasil. Neste sentido, era uma boa representação dos melhores extratos sociais que no país tinham direito à expressão política. Escrevo sem preocupação de pesquisa. Deixo fluir o que me vem à memória, sem preocupação histórica ou hierárquica. As reminiscências se atropelam — e me atropelam. Nenhum critério de valor. Vá lá a gente interpretar o processo associativo. Um pormenor pitoresco às vezes desencadeia uma avalanche. E soterra o que é sério, o que devia ser inesquecível para ser dado em público. Nomes, caras, episódios, conversas, ambientes, colegas de jornais, oradores, taquígrafos, contínuos. Todo um mundo dentro de mim. E eu com direito até aos bastidores do espetáculo. Tão feliz quanto João Guimarães Rosa quando entrou pela primeira vez no zôo de Hamburgo. A Constituinte era também um divertimento. Um passeio de domingo, com direito a pipoca e visita a todos os animais. Me fazia esquecer de mim, que comecei 1946 tropeçando nos meus fantasmas.

No plenário, nas comissões, nos corredores, na Sala do Café, conversando, cochichando, orando, perorando, bradando ou brigando, rindo, influenciando, indo e vindo, ali estavam os grandes animais do Estado Novo. E a fauna oposta, desde os que tinham curtido cadeia brava, como Prestes, até os que tinham desembarcado da nau do Estado Novo no último instante, com aquele instinto de sobrevivência e continuísmo que têm os bons roedores, os que roem porque roem. Os caciques que tinham mandado e desmandado. Os homens do poder, sócios do clube que governa o Brasil. Os sobas estaduais. Os vice-reis. Os interventores. E os respectivos e ilustres opositores, nesse jogo em que só tomam assento os profissionais. Quase ia dizendo os professores. Os mestres. Os que nasceram com o figado político. Os que enfiaram a mão na massa. Os que fazem carreira. Os que confiam no destino — e o destino os trai, raramente os confirma. Quase sempre nos surpreende. Quem, olhando o zôo constituinte de 1946, diria que Getúlio voltaria ao poder pelo voto? Quem adivinharia Café Filho na Presidência? E JK, apagado, caladinho? Não, eu não saberia ler a mão do Brasil. Nem ontem, nem hoje. O destino, se existe, escrito, é uma caixa de surpresas. E a vida é só imprevisível. Ou seja o que Deus quiser.